

CADERNOS EBAPE.BR

Cadernos EBAPE.BR

ISSN: 1679-3951

Fundação Getúlio Vargas, Escola Brasileira de
Administração Pública e de Empresas

Arantes, Fernanda Paula; Freitag, Maria Salete Batista
Entrepreneurial learning research: a positivist tradition?
Cadernos EBAPE.BR, vol. 20, núm. 6, 2022, Novembro-Dezembro, pp. 898-918
Fundação Getúlio Vargas, Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas

DOI: <https://doi.org/10.1590/1679-395120220010x>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=323274129010>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em redalyc.org

UABEM
redalyc.org

Sistema de Informação Científica Redalyc
Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal
Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto

Pesquisa em aprendizagem empreendedora: uma tradição positivista?

FERNANDA PAULA ARANTES ¹
MARIA SALETE BATISTA FREITAG ¹

¹ UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS (UFG) / FACULDADE DE ADMINISTRAÇÃO, CIÊNCIAS CONTÁBEIS E CIÊNCIAS ECONÔMICAS,
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO, GOIÂNIA – GO, BRASIL

Resumo

O objetivo deste artigo foi revisar sistematicamente a literatura sobre Aprendizagem Empreendedora, analisando os elementos dos estudos publicados sobre o tema ao longo do tempo, com ênfase especial nas abordagens metodológicas empregadas na pesquisa empírica. O estudo foi motivado devido ser um campo da literatura ainda fragmentado. Além disso, as revisões anteriores sobre o tema não lançaram luz suficiente sobre os aspectos metodológicos das pesquisas. Os dados foram obtidos por meio da base de dados Scopus e 356 artigos foram mapeados com o apoio do software VOSviewer, revelando a evolução no número de publicações, redes de relação entre países e de cocitação, entre outras métricas. A análise aprofundada de 38 artigos publicados nos cinco principais periódicos revelou a predominância de estudos realizados no contexto europeu, com empreendedores de empresas tecnológicas e no nível individual de análise. Além disso, identificou-se uma tradição de estudos positivistas.

Palavras-chave: Aprendizagem Empreendedora. Revisão Sistemática. Abordagem Metodológica.

Entrepreneurial learning research: a positivist tradition?

Abstract

This article aims to systematically review the literature on Entrepreneurial Learning, analyzing the elements of studies published on the subject over time, with special emphasis on methodological approaches employed in empirical research. The motivation of the study is that this literature field is still fragmented. Moreover, previous reviews on the theme have not shed sufficient light on the methodological aspects of the research. Data were obtained through the Scopus database, and 356 articles were mapped with the support of VOSviewer software, revealing the evolution in the number of publications, cross-country relationships, and co-citation networks, among other metrics. An in-depth analysis of 38 articles published in the top five journals revealed the predominance of studies carried out in the European context, with entrepreneurs of technological companies, and at the individual level of analysis. Furthermore, a tradition of positivist studies was identified.

Keywords: Entrepreneurial Learning. Systematic Review. Methodological Approach.

Investigación sobre aprendizaje empresarial: ¿una tradición positivista?

Resumen

El objetivo de este artículo fue revisar sistemáticamente la literatura sobre aprendizaje empresarial, analizando los elementos de los estudios publicados sobre el tema, con especial énfasis en los enfoques metodológicos empleados en la investigación empírica. La motivación del estudio es que ese campo de la literatura aún está fragmentado. Además, las revisiones anteriores sobre el tema no han arrojado suficiente luz sobre los aspectos metodológicos de las investigaciones. Los datos se obtuvieron a través de la base Scopus y se mapearon 356 artículos con el apoyo del software VOSviewer, lo que reveló la evolución en el número de publicaciones, redes de relación entre países y cocitación, entre otras métricas. El análisis en profundidad de 38 artículos publicados en las cinco principales revistas reveló el predominio de estudios realizados en el contexto europeo, con emprendedores de empresas tecnológicas y a nivel individual de análisis. Asimismo, se identificó una tradición de estudios positivistas.

Palabras clave: Aprendizaje empresarial. Revisión sistemática. Enfoque metodológico.

Artigo submetido em 12 de janeiro de 2022 e aceito para publicação em 11 de abril de 2022.

[Versão traduzida]

DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1679-395120220010>

INTRODUÇÃO

A Aprendizagem do Empreendedorismo (AE) se desenvolve na fase de concepção e crescimento do novo negócio, à medida que o empreendedor adquire experiência por meio da prática (Cope, 2005; Politis, 2005), ou através da análise de experiências passadas (Deakins & Freel, 1998; Rae, 2005). Alguns autores, por sua vez, depositam a ênfase na aprendizagem a partir dos erros cometidos no passado, nos incidentes críticos e nos sinais do ambiente (Cope & Watts, 2000; Gibb, 1997). Independentemente da abordagem, o que parece ser consenso na literatura sobre o tema é o fato de a AE consistir em um processo experiencial contínuo e evolutivo, perpassando diferentes momentos da vida do empreendedor (Cope, 2005; Politis, 2005; Rae, 2005).

Embora existam diferentes modelos explicativos sobre a AE (Man, 2012; Politis, 2005; Rae, 2005; Zampier & Takahashi, 2011) e pesquisas sobre o tema continuem a ser desenvolvidas, inclusive revisões sistemáticas da literatura (RSL) (Lattacher & Wdowiak, 2020; Nogueira, 2019; Wang & Chugh, 2014), falta uma articulação clara da AE como conceito (Nogueira, 2019).

Além disso, não foram identificados estudos que indicassem redes de relacionamento *cross-country* ou redes de coautoria e cocitação, técnicas de mapeamento científico consideradas importantes para apresentar a estrutura bibliométrica e intelectual do campo de pesquisa (Donthu, Kumar, Mukherjee, Pandey, & Lim, 2021). Ademais, há uma ausência de pesquisas que analisem as principais abordagens metodológicas empregadas nas investigações empíricas em AE, indicando mais detalhes sobre as filosofias de pesquisa, além da classificação quali/quantitativa.

Assim, com o objetivo de fornecer subsídios para o avanço da teoria sobre AE e sua articulação como conceito, com base nos princípios da bibliometria e RSL (Donthu et al., 2021; Williams, L. A. Clark, W. R. Clark, & Raffo, 2021), duas questões de pesquisa foram levantadas neste estudo:

QP1: *Qual é o panorama histórico das pesquisas publicadas sobre aprendizagem do empreendedorismo (quantidade de artigos publicados ao longo do tempo, redes de relacionamento cross-country, principais autores, redes de coautoria, principais periódicos, artigos mais citados, principais termos utilizados, rede de cocitação e acoplamento bibliográfico)?*

QP2: *Quais são as abordagens metodológicas em estudos empíricos sobre aprendizagem do empreendedorismo?*

O objetivo geral deste artigo foi revisar sistematicamente a literatura sobre AE, analisando os elementos dos estudos publicados sobre o tema ao longo do tempo, com ênfase especial nas abordagens metodológicas empregadas na pesquisa empírica. A próxima seção traz uma breve discussão teórica, indicando os limites conceituais adotados neste artigo.

APRENDIZAGEM DO EMPREENDEDORISMO

Alguns dos primeiros estudos sobre AE (Deakins & Freel, 1998; McKelvey, 1998) já consideravam o processo como decorrente da experiência prévia do empreendedor e do compartilhamento de conhecimentos. Embora seja inerente à trajetória do empreendedor, tal aprendizagem seria mais intensa na fase nascente do empreendimento e, por isso, estaria atrelada especialmente ao contexto de micro e pequenas empresas (Jones & Giordano, 2021; Lans, Biemans, Versteegen, & Mulder, 2008).

Nesse sentido, as teorias de aprendizagem organizacional tendem a ser consideradas inadequadas para explicar esse processo, pois geralmente partem da perspectiva das grandes organizações e propõem modelos que não são aplicáveis às micro e pequenas empresas (Deakins & Freel, 1998). No entanto, estudos baseados no cognitivismo sobre a aprendizagem no contexto das organizações trazem propostas que são consideradas mais adequadas à pesquisa em AE (Deakins & Freel, 1998). Destacam-se os tipos de aprendizagem propostos por Argyris e Schön (Malloch, Cairns, Evans, & O'Connor, 2011), a saber: Aprendizagem de Circuito Simples, Aprendizagem de Circuito Duplo e Deutero Aprendizagem. Para o terceiro tipo, destacam-se aspectos relacionados à adaptação, contexto e relacionamentos.

Na abordagem sociológica do processo empreendedor, as interações do empreendedor com diferentes grupos sociais em um determinado ambiente, bem como suas experiências passadas, são consideradas como tendo potencial para influenciar o desenvolvimento do negócio (Jones & Giordano, 2020). Algo semelhante é encontrado em relação às teorias sobre AE, visto ser ela derivada não somente da experiência passada do empreendedor, mas também das interações coletivas (El-Awad, Gabrielsson, & Politis, 2017; Jones & Giordano, 2020).

Alguns autores consideram que a AE ocorre à medida que os empreendedores ganham experiência através da prática nas fases de desenho e crescimento do novo negócio (Cope, 2005; Jones & Giordano, 2020; Politis, 2005; Rae, 2017). Outros autores, por sua vez, dão especial atenção à influência das experiências passadas na aprendizagem (Deakins & Freel, 1998; Rae, 2005), enquanto outros investigam a AE a partir de fracassos passados (Cope & Watts, 2000; Lattacher & Wdowiak, 2020).

Em meio a diferentes posições, há um consenso na literatura de que a AE é experiencial, ou seja, resulta de aprendizagem formal e informal, resolução de problemas, processos empreendedores prévios, independente de sucesso ou fracasso. Além disso, é um processo contínuo e evolutivo que reflete diferentes momentos da vida do empreendedor (Cope, 2005; El-Awad et al., 2017; Man, 2012; Politis, 2005; Rae, 2005, 2017; Thompson & Illes, 2021).

Pode-se inferir que a AE se constitui ao mesmo tempo como potencializadora e resultado dos capitais humano e social. Esses capitais tendem a ser influenciados pelo contexto em que o empreendimento é estabelecido e desenvolvido (Lans et al., 2008). Essa afirmação está relacionada à perspectiva sociocultural baseada no construtivismo, segundo a qual o compartilhamento do conhecimento está condicionado à interação social, participação, formação de identidade e influência do contexto (Ribas & Moura, 2006).

Portanto, ao considerar o aspecto social da AE, assume-se que as pesquisas na área partem de uma filosofia interpretativista (Kempster & Cope, 2010), adotando uma ontologia da realidade como socialmente construída. Além do aspecto social, o campo de pesquisa da AE também pode envolver aspectos cognitivos (Politis, 2005) e emocionais (Cope, 2005; Huxtable-Thomas, Hannon, & Thomas, 2016), que também podem estar relacionados ao construtivismo e à epistemologia que considera os fenômenos sociais e seus significados subjetivos. No entanto, outros aspectos inerentes à filosofia de pesquisa positivista também podem ser considerados, como os comportamentais (Man, 2012; Tipu & Arain, 2011).

Como a literatura sobre o assunto ainda está em evolução e carece de teoria consolidada (El-Awad et al., 2017; Jones & Giordano, 2020; Lattacher & Wdowiak, 2020; Nogueira, 2019; Thompson & Illes, 2021), questiona-se quais as principais abordagens metodológicas empregadas nos estudos publicados sobre o assunto até o momento. Esta RSL pretende responder essa pergunta.

METODOLOGIA

Considerando os princípios da RSL e da pesquisa bibliométrica em Administração (Donthu et al., 2021; Williams et al., 2021), foi conduzida uma RSL em AE. Optou-se por realizar uma análise bibliométrica (AB) conjuntamente à SLR, considerando que a AB baseada em técnicas quantitativas pode mitigar o viés da análise qualitativa inerente à RSL, apoiando a seleção criteriosa dos textos (Donthu et al., 2021). Por sua vez, a análise qualitativa ajuda a evitar a seleção de pesquisas não relacionadas ao tema de interesse (Williams et al., 2021).

A primeira etapa consistiu em uma busca na base de dados *Scopus* da Elsevier®. A *Scopus* é um dos mais completos repositórios de artigos científicos, com especial ênfase nas áreas de Negócios e Gestão, quando comparada à base de dados *Web of Science* da Clarivate® (Aksnes & Sivertsen, 2019). A estratégia de busca para obtenção da amostra inicial baseou-se nas palavras-chave *entrepreneurial e learning*, consideradas suficientemente inclusivas. Vale ressaltar que o tema em questão não se refere a pesquisas voltadas para o processo educacional, ou seja, o ensino formal do empreendedorismo. O interesse aqui reside no processo prático, o *métier*, do empreendedorismo.

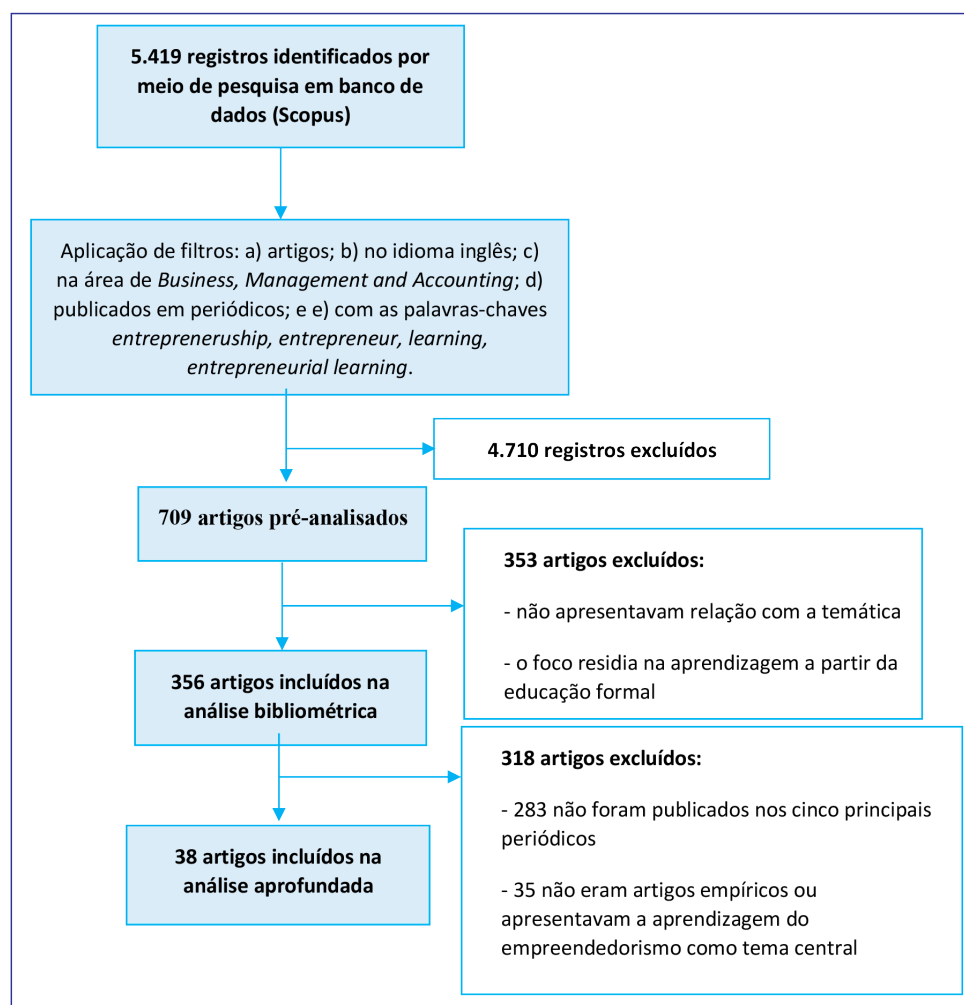
Desta forma, foram utilizados os seguintes descritores: *entrepreneur**, *learn** e *education*, os quais foram combinados por meio do uso de operadores Booleanos: *entrepreneur* AND learn* NOT education*. O uso dos radicais (*entrepreneur** e *learn**) possibilitou obter resultados mais abrangentes, pois incluem, além do radical original, suas variações. Os descritores foram inseridos para busca, considerando-se o campo “title, abstract e keywords” da base *Scopus*. Não foi delimitado período temporal para a pesquisa. A busca inicial retornou 5.419 itens. Posteriormente, aplicou-se alguns filtros selecionando-se apenas: a) artigos; b) no idioma inglês; c) na área de *Business, Management and Accounting*; d) publicados em periódicos; e e) com as palavras-chaves *entrepreneurship*, *entrepreneur*, *learning*, *entrepreneurial learning*. Restaram 709 artigos, que tiveram seus títulos e resumos lidos, a fim de identificar se a AE era objeto de pesquisa.

Após essa etapa, restaram 356 artigos, que compuseram a amostra para a AB. A plataforma *Scopus* permitiu pré-analisar alguns resultados, identificando a evolução das publicações ao longo dos anos, principais autores e principais revistas científicas. Em seguida, foi criado um arquivo “.csv” (banco de dados), contendo informações detalhadas sobre os estudos publicados, que foram analisados com o apoio do VOSviewer versão 1.6.16.

Para a análise aprofundada, foram selecionados os cinco principais periódicos objetivando a revisão das metodologias empregadas nos estudos publicados, totalizando 73 artigos. Os estudos foram analisados na íntegra, levando à exclusão de 35 por não serem pesquisas empíricas ou por não apresentarem a AE como tema principal. Assim, 38 artigos foram incluídos na amostra final (Figura 1).

A etapa final, a análise em profundidade, seguiu o pressuposto da RSL, “sintetizar trabalhos anteriores e agrupá-los em uma base de conhecimento fundamentada em evidências de pesquisas anteriores de maneira objetiva e imparcial” (Williams et al., 2021, p. 524, tradução nossa). Os artigos foram lidos na íntegra e tiveram seus objetivos e questões de pesquisa (sempre que enunciados) considerados para a análise dos aspectos metodológicos. As seções metodológicas foram analisadas em termos de (Saunders, Lewis, & Thornhill, 2009): a) filosofia de pesquisa; b) estratégia de pesquisa; c) tipo de pesquisa; d) horizonte temporal; e) duração da pesquisa em anos; f) tipo e número de técnicas de coleta de dados empregadas; g) tipo de entrevista, quando as entrevistas foram realizadas; h) triangulação de dados (sim ou não); i) técnica de análise de dados; j) país de origem do periódico; k) contexto de pesquisa; l) nível de análise; e m) grupo pesquisado. Vale ressaltar que a análise se restringiu à declaração dos autores dos artigos sobre os métodos de pesquisa utilizados e as evidências apresentadas nos resultados.

Figura 1
Etapas metodológicas



Fonte: Elaborada pelas autoras.

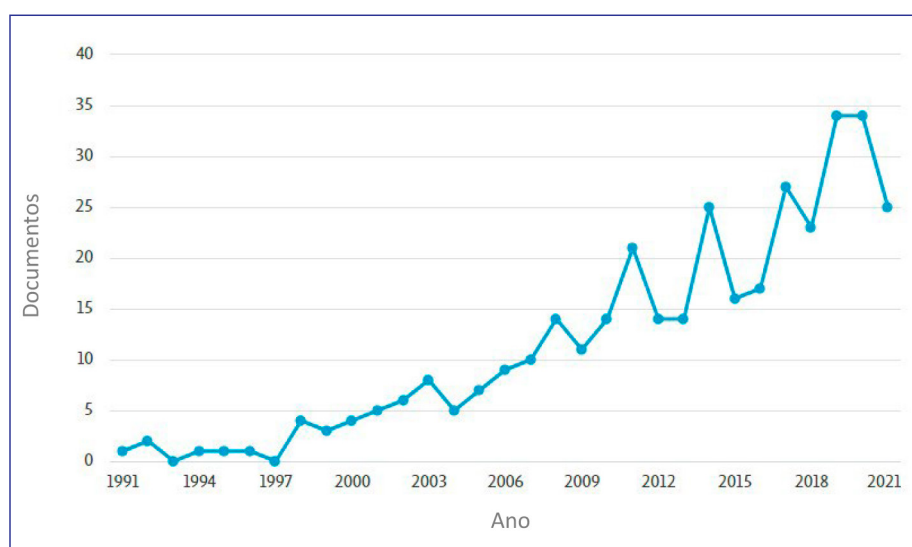
RESULTADOS DA ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA

Esta seção apresenta os principais resultados obtidos por meio da AB, realizada com dados obtidos na base da Scopus e com o apoio do *software* VOSviewer, considerando os 356 artigos selecionados.

Evolução do número de publicações

De acordo com os resultados da pesquisa, o primeiro artigo publicado sobre o tema data de 1991. Desde então, embora possam ser observadas oscilações, é notável a evolução do número de publicações ao longo dos anos, com 64% dos estudos (227) publicados nos últimos 10 anos. Conforme mostrado no Gráfico 1, havia 34 artigos publicados em 2020, e até 2021 um total de 25 artigos haviam sido publicados nos primeiros seis meses.

Gráfico 1
Evolução das publicações sobre aprendizagem do empreendedorismo ao longo do tempo



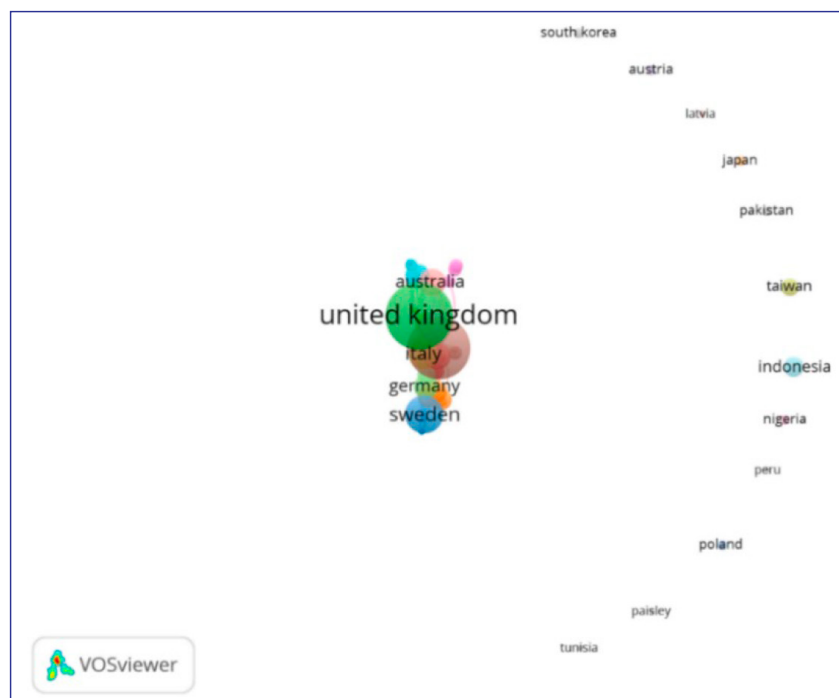
Fonte: Elaborado pelas autoras via Scopus.

Acredita-se que os picos de publicações em alguns anos se devem a edições especiais de alguns periódicos, como a *“Entrepreneurial learning dynamics in knowledge-intensive enterprises”* do International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research, em 2017, e a *“Entrepreneurial learning: new insights”* da Organization Learning, em 2019. No entanto, para os demais picos, não foram identificadas edições especiais ou relação direta de artigos com eventos científicos anteriores, o que pode indicar um aumento do interesse pela área de pesquisa em AE, resultando em um crescimento natural da quantidade de publicações.

Redes de relacionamento entre países

O estudo encontrou 62 países de origem dos autores. Os resultados revelam a prevalência de uma rede de relacionamentos de coautoria de artigos de alguns países, enquanto outros aparecem como “satélites”, sem relação direta com os principais países (Figura 2).

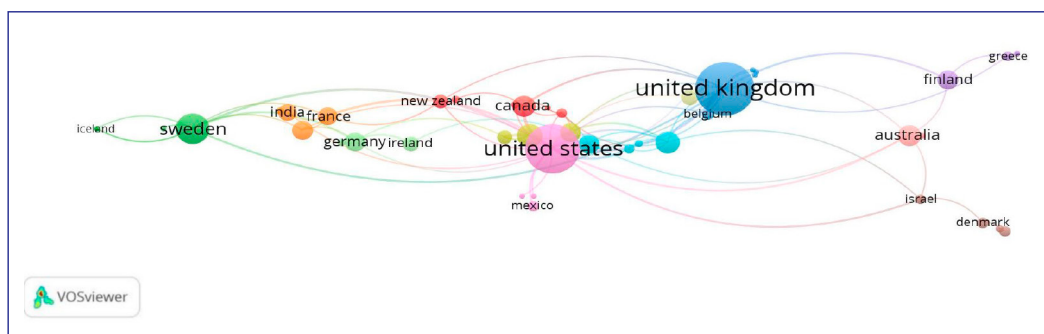
Figura 2
Redes de relacionamento entre países



Fonte: Elaborada pelas autoras via VOSviewer.

Aproximando-se a imagem, percebe-se que, quanto à autoria dos artigos (Figura 3), destacam-se o Reino Unido (89 documentos) e os Estados Unidos (77 documentos), seguidos pela Suécia (29 documentos). Este resultado está de acordo com a RSL realizada por Wang e Chugh (2014, p.29, tradução nossa), revelando a “pesquisa norte-americana e europeia em dois campos em termos de origem de publicação”.

Figura 3
Países com rede de coautoria

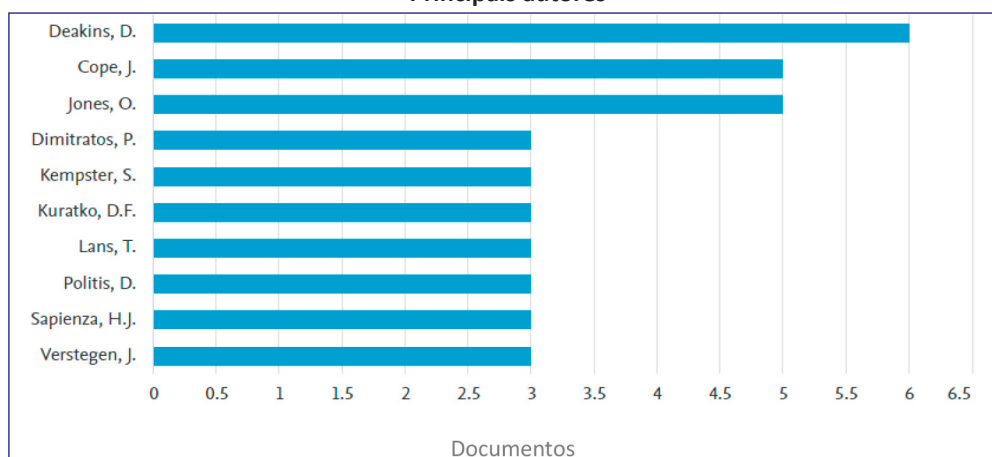


Fonte: Elaborada pelas autoras via VOSviewer.

Principais autores

Um total de 756 autores foi identificado. David Deakins destacou-se como principal autor sobre o tema AE com seis artigos, seguido por Jason Cope e Oswald Jones, com cinco artigos cada. Os demais da lista dos dez principais autores publicaram três artigos cada, conforme mostra o Gráfico 2.

Gráfico 2
Principais autores

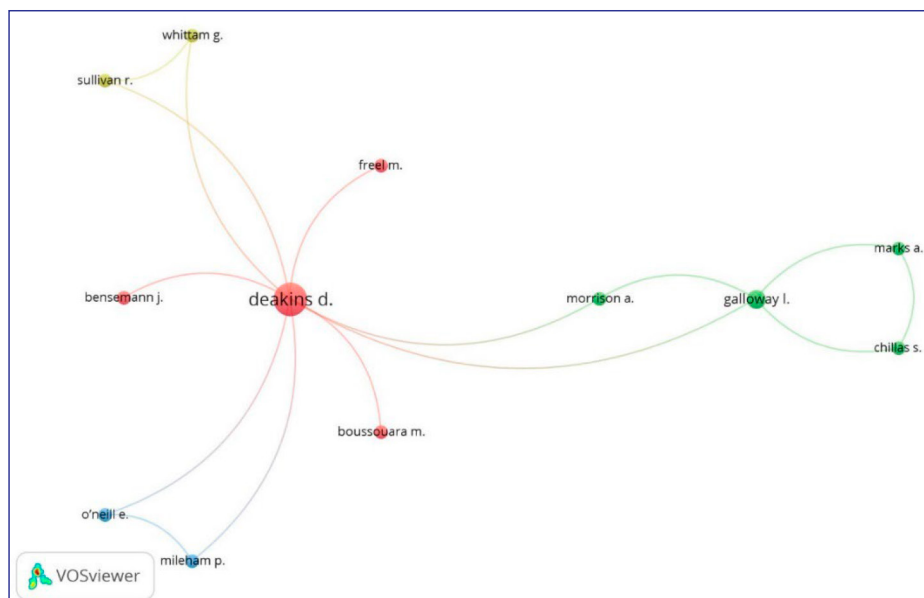


Fonte: Elaborado pelas autoras via Scopus.

Embora um dos textos de Deakins co-escrito com Mark Freel (Deakins & Freel, 1998) não tenha sido o primeiro a ser publicado sobre o assunto, como apontam os resultados da pesquisa, é um dos primeiros a aprofundar a discussão sobre fatores que influenciam a AE em pequenas e médias empresas.

A falta de uma forte rede de coautoria entre pesquisadores, com a rede principal composta por apenas 12 autores (Figura 4), também chama a atenção.

Figura 4
Rede principal de coautoria Fonte: Elaborada pelas autoras via VOSviewer.

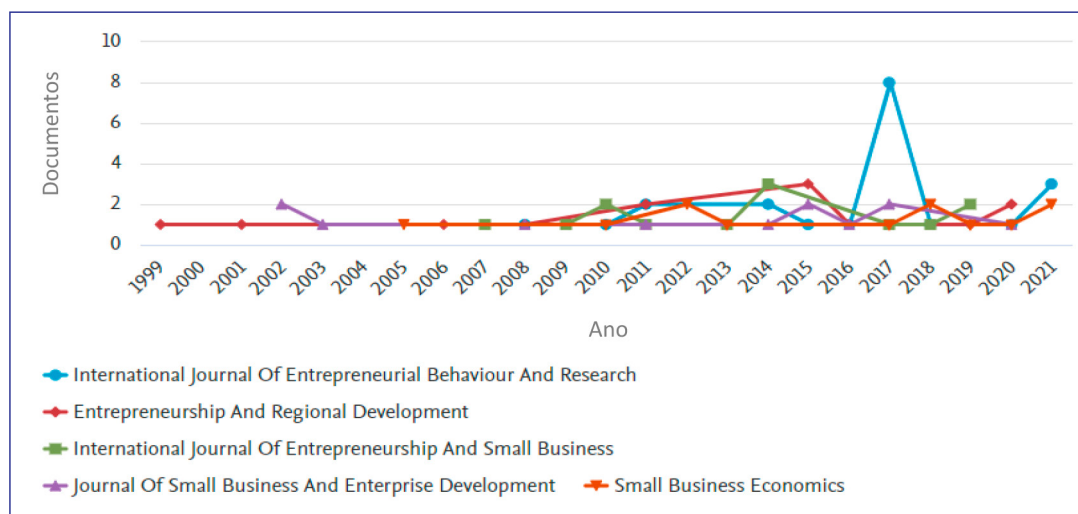


Fonte: Elaborada pelas autoras via VOSviewer.

Principais periódicos

O Gráfico 3 indica que o periódico com maior número de artigos publicados sobre AE foi o International Journal of Entrepreneurial Behavior and Research (IJEBR), com 21 publicações ao longo dos anos. Seguem na sequência os periódicos: Entrepreneurship and Regional Development, com 15 publicações; International Journal of Entrepreneurship and Small Business (IJESB), com 13 artigos publicados; seguido pelo Journal of Small Business and Enterprise Development e pelo Small Business Economics (SBEJ) com 12 publicações cada.

Gráfico 3
Principais periódicos



Fonte: Elaborado pelas autoras via Scopus.

As primeiras quatro revistas são produzidas por organizações de pesquisa localizadas no Reino Unido e a última na Holanda. Isso revela não apenas a predominância de autores do Reino Unido (Figuras 2 e 3), mas também de periódicos científicos que publicam sobre AE. O ano de 2017 se destaca com 11 artigos publicados, o que é explicado pela edição especial do IJEER “*Entrepreneurial learning dynamics in knowledge-intensive enterprises*”.

Artigos mais citados

O autor mais citado em AE é Jason Cope (Quadro 1), totalizando 758 citações sobre duas de suas obras individuais: *Entrepreneurial learning from failure: An interpretative phenomenological analysis* (Cope, 2011) e *Entrepreneurial Learning and Critical Reflection: Discontinuous Events as Triggers for ‘Higher-level’ Learning* (Cope, 2003). David Deakins aparece como o autor que mais publicou sobre o assunto (Gráfico 2). Sua obra *Entrepreneurial learning and the growth process in SMEs*, em coautoria com Mark Freel (Deakins & Freel, 1998), é a quarta mais citada (279).

Quadro 1
Artigos mais citados

Ordem	Artigos	Citações
1º	Cope J. (2011)	386
2º	Cope J. (2003)	372
3º	Corbett A.C. (2007)	314
4º	Deakins D. (1998)	279
5º	Littunen H. (2000)	265
6º	Almeida P. (2003)	220
7º	Kropp F. (2006)	209
8º	Nasution H.N. (2011)	199
9º	De Clercq D. (2012)	189
10º	De Backer K. (2003)	171

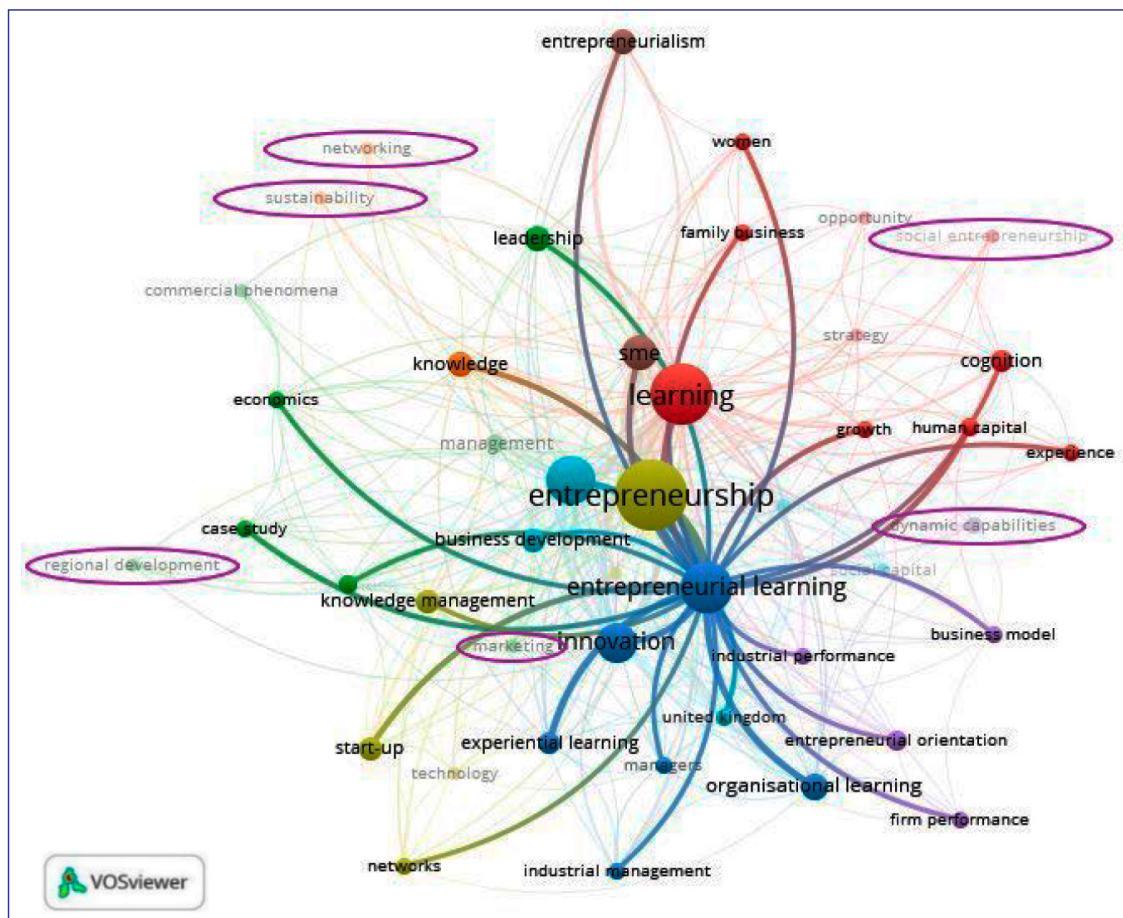
Fonte: Elaborado pelas autoras.

Rede de relacionamento entre as palavras principais

Por meio da contagem binária, ou seja, considerando apenas a presença ou ausência da palavra em cada artigo, foram identificados os termos mais relevantes utilizados nos títulos e resumos – que apareceram pelo menos 5 vezes. Como mostra a Figura 5, os cinco principais termos foram: empreendedorismo, aprendizagem, aprendizagem empreendedora, empreendedor, inovação e PME (pequena e média empresa).

Ao analisar a rede que se conecta ao termo “aprendizagem empreendedora”, algumas palavras como “empreendedorismo social”, “capacidades dinâmicas”, “marketing”, “desenvolvimento regional”, “networking” e “sustentabilidade” não se conectam diretamente a ela, o que pode indicar potencial para pesquisas futuras.

Figura 5
Rede de relacionamento com o termo “aprendizagem empreendedora” – destaque para palavras que não se relacionam diretamente com ele



Fonte: Elaborada pelas autoras via VOSviewer.

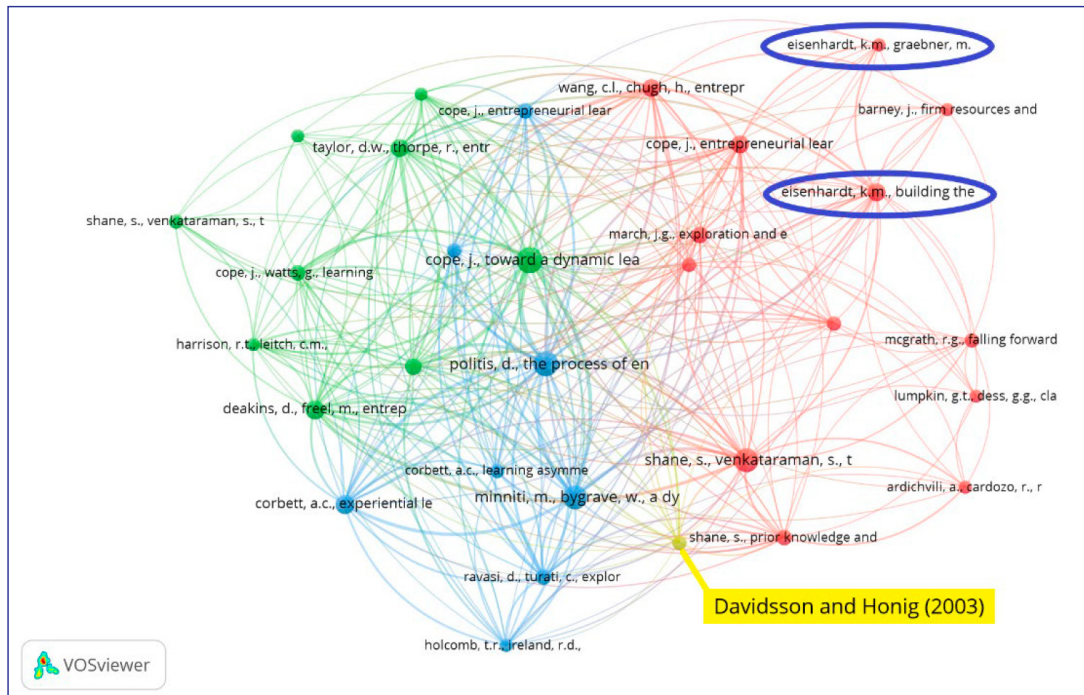
Rede de cocitação

A rede de cocitação mede a citação conjunta de dois artigos por um terceiro. Foram selecionados apenas artigos citados pelo menos nove vezes pelos demais artigos da amostra. A Figura 6 mostra quatro clusters principais: vermelho (13 artigos), verde (9 artigos), azul (8 artigos) e amarelo (1 artigo). Cada agrupamento indica que os trabalhos costumam ser citados juntos nos estudos sobre o tema, provavelmente pela potencial ligação entre seus conteúdos ou linhas de pensamento/pesquisa.

Vale ressaltar o fato de que o cluster vermelho é composto por dois artigos de Eisenhardt, renomada autora cujos artigos são utilizados para fundamentar metodologias de pesquisa que realizam estudos de caso e desenvolvem teorias a partir deles. A presença desses trabalhos pode indicar a prevalência de artigos na amostra que realizaram estudos de caso, partindo de uma abordagem positivista.

O cluster amarelo, por sua vez, revela a presença única do trabalho de Davidsson e Honig (2003), que investigaram o papel do capital social e humano entre empreendedores nascentes. Isso pode ser uma indicação de potencial para estudos relacionando capital social, capital humano e AE.

Figura 6
Rede de cocitação

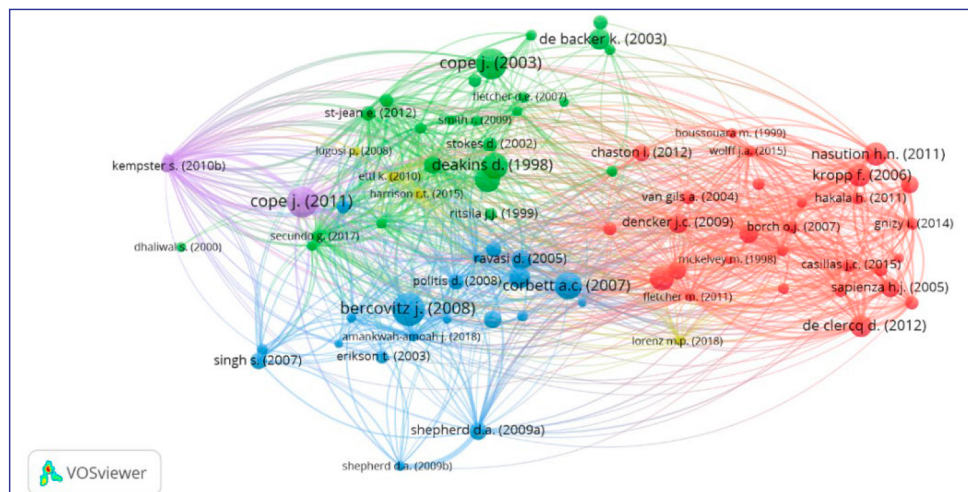


Fonte: Elaborada pelas autoras via VOSviewer.

Rede de acoplamento bibliográfico

A rede de acoplamento bibliográfico, método desenvolvido por Michael Kessler, mede a relação entre dois artigos com base no número de referências comuns citadas por ambos (Kessler, 1963). Selecionando apenas os artigos da amostra que foram citados pelo menos 30 vezes, obteve-se a imagem mostrado na Figura 7.

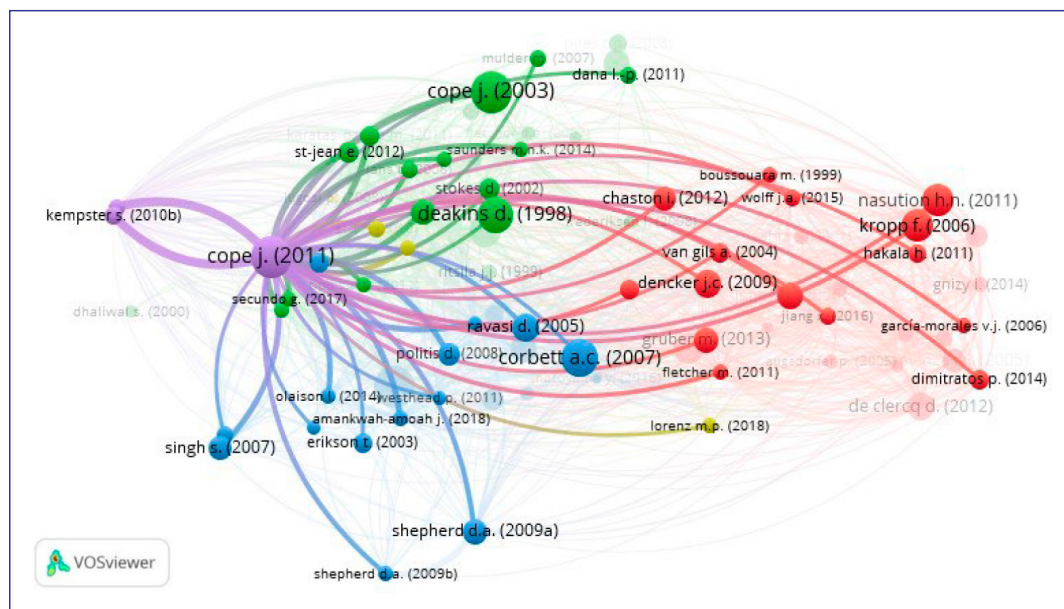
Figura 7
Rede de acoplamento bibliográfico



Fonte: Elaborada pelas autoras via VOSviewer.

Existem cinco clusters diferentes, sendo que o cluster vermelho possui o maior número de estudos (28). Esses agrupamentos sugerem diferentes linhas de estudos e possíveis diferentes perspectivas adotadas. Analisando a rede que se conecta diretamente com o artigo mais citado sobre o tema (Cope, 2011), pesquisa com viés fenomenológico, há fortes relações entre os ensaios, ou seja, um número elevado de artigos comumente citados pelos estudos. Isso pode indicar fontes relevantes para estudos baseados na fenomenologia, como o de Jason Cope (Figura 8).

Figura 8
Rede de acoplamento bibliográfico com o estudo de Jason Cope, artigo mais citado

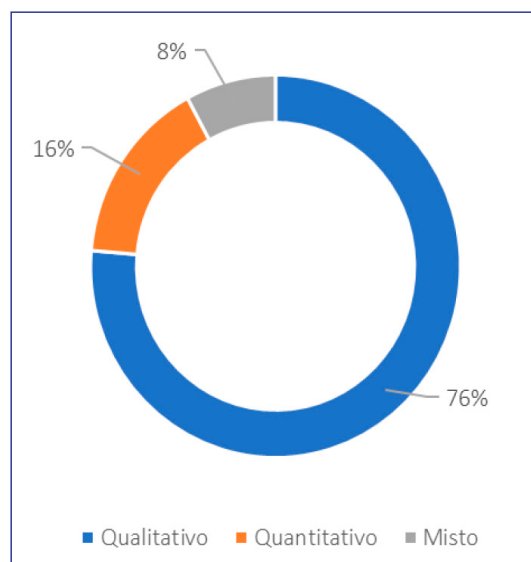


Fonte: Elaborada pelas autoras via VOSviewer.

RESULTADOS DA ANÁLISE DAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Para responder à segunda questão desta pesquisa (QP2), foram analisadas as metodologias dos 38 artigos incluídos na etapa final do estudo (Figura 1). A revisão revelou a presença de apenas seis pesquisas (16%) que utilizaram métodos quantitativos, e apenas três delas foram publicadas nos últimos cinco anos (Cannavacciuolo, Iandoli, Ponsiglione, & Zollo, 2017; Politis, 2008; Robert, El Shoubaki, Lasch, & Dana, 2017; Scarmozzino, Corvello, & Grimaldi, 2017; Van Gelderen, Van de Sluis, & Jansen, 2005; Yusuf, 2012). Outros três trabalhos de pesquisa (8%) aplicaram métodos mistos em suas investigações empíricas (Ceci & Prencipe, 2019; V. Lefebvre, M. R. Lefebvre, & Simon, 2015; Stokes & Blackburn, 2002). Destes, apenas um foi publicado no último quinquênio. Percebe-se, portanto, a predominância de estudos qualitativos (29 estudos, 76%) nas pesquisas sobre AE (Gráfico 4).

Gráfico 4
Tipo de método adotado pelos estudos da amostra



Fonte: Elaborado pelas autoras.

Comparativamente à RSL realizada por Wang e Chugh (2014), houve um aumento em relação às pesquisas qualitativas. Por outro lado, os estudos que aplicaram métodos mistos mantiveram percentual semelhante.

Para melhor compreender as metodologias de pesquisa, é apresentada uma visão geral dos contextos de pesquisa (Quadro 2). A maioria dos estudos (65%) foi realizada em países da Europa Ocidental ou Nórdica. Nove por cento escolheram o contexto norte-americano (Estados Unidos ou México) e 5% o contexto asiático (Paquistão ou China). Outros 5% realizaram a pesquisa em contexto internacional – físico ou virtual. Os outros dezesseis por cento não informaram o contexto escolhido para a análise.

Quadro 2
Contexto das pesquisas

Contexto	Artigos
Europa Ocidental ou Nórdica	Atherton e Price (2008); Cannavacciuolo et al. (2017); Ceci e Prencipe (2019); Clinton, McAdam, Gamble e Brophy (2020); Ettl e Welter (2010); Harrison, Mason e Smith (2015); Huovinen e Tihula (2008); Huxtable-Thomas et al. (2016); Hydle e Billington (2021); Jones e Li (2017); V. Lefebvre et al. (2015); Mahmoud-Jouini, Paris e Bureau (2017); Mansoori (2017); Markowska e Wiklund (2020); O'Shea e Buckley (2010); Politis (2008); Pugh, Soetanto, Jack e Hamilton (2021); Robert et al. (2017); Secundo, Del Vecchio, Schiuma e Passiante (2017); Soetanto (2017); Stokes e Blackburn (2002); Thompson e Illes (2021); Van Gelderen et al. (2005); Walsh e Cunningham (2017); Watson, McGowan e Cunningham (2017).
América do Norte	Motoyama e Knowlton (2016); Perez-Nuñez e Musteen (2020); Yusuf (2012).
Ásia	Tipu e Arain (2011); Wang, Rafiq, Li e Zheng (2014).
Internacional	Scarmozzino et al. (2017); Schou, Bucher e Waldkirch (2022).

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Portanto, destaca-se o potencial que outros contextos apresentam para a pesquisa em AE. Há potencial também em relação aos grupos estudados, com destaque para pesquisas com empreendedores, nascentes ou não, no contexto de alta tecnologia (39%). Apenas três estudos abordaram o contexto da empresa familiar (Clinton et al., 2020; Jones & Li, 2017; Markowska & Wiklund, 2020) e apenas um investigou a AE por mulheres (Ettl & Welter, 2010) e outro por refugiados (Thompson & Illes, 2021). Além disso, há predominância do nível individual de análise (74% dos estudos), conforme será apresentado nas próximas seções.

Estratégias de pesquisa e horizonte temporal

Dentre os estudos quantitativos, a *survey* (5 artigos) foi a principal estratégia de pesquisa empregada, seguida da aplicação de testes estatísticos (2 artigos) e experimento do tipo simulação (1 artigo). Com relação aos estudos mistos, não foi encontrada uma estratégia de pesquisa predominante, sendo empregadas estratégias de levantamento (*survey*) e estudos de casos múltiplos (Ceci & Prencipe, 2019; V. Lefebvre et al., 2015; Stokes & Blackburn, 2002).

A maioria das pesquisas qualitativas (17 artigos, 65%), aplicou a estratégia de estudo de caso (único ou múltiplo). Também foram empregadas as seguintes estratégias: teoria fundamentada - *grounded theory*; a técnica de elicitação de metáforas de Zaltman (ZMET); etnografia; análise estética de poemas; análise de casos; e análise de protocolo verbal (uma técnica que envolve os entrevistados “pensando em voz alta” enquanto realizam uma tarefa específica).

Estudos transversais foram realizados por 50% dos artigos da amostra (19). Outros 17 trabalhos conduziram investigações considerando um horizonte de tempo mais longo. Em outras palavras, eles realizaram estudos longitudinais, sendo 10 anos o período mais longo considerado (Walsh & Cunningham, 2017), e um ano o mais curto (Schou et al., 2021). O horizonte temporal não pôde ser identificado em dois dos artigos publicados (Stokes & Blackburn, 2002; Scarmozzino et al., 2017).

Coleta e análise de dados

Cerca de 60% dos estudos (22 artigos) aplicaram mais de uma técnica na coleta de dados, prevalecendo o uso de entrevistas, principalmente as semiestruturadas, observação (participante e não participante) e coleta documental. Isso ocorreu principalmente em investigações qualitativas. Nos estudos quantitativos e mistos, foram utilizados principalmente questionários e bases de dados secundários. No entanto, apenas 11 estudos relataram explicitamente a aplicação da triangulação na análise dos dados.

Técnicas de coleta de dados inusitadas em estudos sobre AE foram encontradas em alguns artigos: grupos focais (V. Lefebvre et al., 2015); mapas de redes de relacionamento desenhados pelos entrevistados (Soetanto, 2017), e gravações em vídeo (Thompson & Illes, 2021), sendo este o único estudo etnográfico da amostra.

No que se refere à análise dos dados, a maioria dos estudos que utilizaram técnicas qualitativas elegeu a análise temática, ou seja, a análise apoiada na definição de categorias baseadas na teoria ou em dados empíricos. Em seguida, a análise de conteúdo e a discussão reflexiva foram as técnicas mais utilizadas. A análise etnográfica foi restrita a apenas um estudo (Thompson & Illes, 2021).

Os estudos quantitativos, por sua vez, utilizam os testes Qui-Quadrado, Kolmogorov-Smirnov, T e Mann-Whitney U (Politis, 2008); o método Politômico Hierárquico, K-médias e regressão logística (Robert et al., 2017); regressão hierárquica (Scarmozzino et al., 2017; Van Gelderen et al., 2005); análise de cluster (Yusuf, 2012); e modelagem baseada em agente (Cannavacciuolo et al., 2017).

Já os estudos mistos adotaram o método de regressão por mínimos quadrados parciais, estatística descritiva e análise temática (Ceci & Prencipe, 2019; V. Lefebvre et al., 2015; Stokes & Blackburn, 2002).

Filosofias de pesquisa

No que diz respeito às filosofias de pesquisa, seis estudos fundamentaram-se no construtivismo (Karataş-Özkan, 2011; O'Shea & Buckley, 2010; Schou et al., 2021; Smith, 2015; Soetanto, 2017; Watson et al., 2017), cinco trabalhos partiram de premissas fenomenológicas (Deakins et al., 2002; Kempster & Cope, 2010; Mahmoud-Jouini et al., 2017; Mansoori, 2017; Walsh & Cunningham, 2017); outros quatro basearam-se no interpretativismo (Hydly & Billington, 2021; Jones & Li, 2017; Perez Nuñez & Musteen, 2020; Thompson & Illes, 2021); e um estudo na etnometodologia (Atherton & Price, 2008).

Por outro lado, houve presença significativa de estudos positivistas na amostra (18 artigos, 47%), seja positivismo qualitativo, quantitativo ou misto. Independentemente do tipo, o objetivo da pesquisa positivista é a explicação científica baseada em eventos observáveis (Saunders et al., 2009). Baseia-se em observações empíricas para confirmar relações causais e prever padrões de comportamento humano (Antwi & Hamza, 2015). Esse tipo de pesquisa se preocupa com a confiabilidade, validade e generalização dos resultados (Saunders et al., 2009).

A ênfase do positivismo quantitativo recai em observações quantificáveis, úteis para análises estatísticas, às vezes fundamentadas em hipóteses. A pesquisa que adota essa filosofia procura explicar em termos quantitativos como as variáveis interagem, formam eventos e produzem resultados. Portanto, ela tende a usar grandes bancos de dados ou amostras significativas (Saunders et al., 2009; Antwi & Hamza, 2015). As próximas seções detalham os artigos positivistas da amostra.

Vale ressaltar que a filosofia de pesquisa de dois dos estudos (Brett, O'Neill, & O'Gorman, 2014; Ettl & Welter, 2010) não pôde ser identificada. Embora a pesquisa de Ettl e Welter (2010) tenha aplicado o método de estudo de caso, não há menção a autores que fundamentaram a escolha do método ou outras evidências na filosofia de pesquisa adotada. O mesmo ocorre com o estudo de Brett et al. (2014), onde nenhuma evidência foi fornecida sobre a filosofia de pesquisa.

Dois outros artigos aplicaram a teoria fundamentada como estratégia de pesquisa. No entanto, a descrição metodológica em ambos não permitiu identificar a filosofia adotada (Haneberg & Aaboen, 2022; Huxtable-Thomas et al., 2016). A pesquisa de Haneberg e Aaboen (2022) aplicou a técnica de elicitação de metáforas de Zaltman. Este método desenvolvido pelo professor de Harvard Gerald Zaltman foi originalmente usado na pesquisa de Marketing.

Essa técnica busca compreender o comportamento humano identificando um amplo conjunto de significados, em vários níveis de experiência, por meio de imagens e metáforas. Os resultados, embora baseados em um pequeno número de entrevistas, são considerados representativos de uma grande população (Harvard University, 2022). O estudo de Huxtable-Thomas et al. (2016) baseia sua metodologia em perspectivas de diferentes campos (pedagogia, educação, psicologia cognitiva, administração e ciências sociais), e não enfatiza um posicionamento epistemológico.

Positivismo quantitativo

Os artigos da amostra que adotaram abordagem quantitativa positivista (6 artigos) apresentam seções metodológicas estruturadas para facilitar a replicação da pesquisa, técnicas estatísticas aplicadas na coleta e análise dos dados e os resultados generalizáveis para as respectivas populações representadas (Quadro 3).

Quadro 3
Pesquisas positivistas quantitativas na amostra

Artigo	Objetivo de Pesquisa Relacionado à Aprendizagem	Estratégia de Pesquisa	Técnicas de Coleta de Dados	Técnicas de Análise de Dados	Nível de Análise
Cannavacciuolo et al. (2017)	Explorar uma visão alternativa da AE adotando conceitos e ferramentas metodológicas da teoria da aprendizagem situada e da ciência da complexidade que derruba a perspectiva tradicional.	Experimento - Simulação	Simulação	Modelagem Baseada em Agente	Organizacional (sistema)
Politis (2008)	Apresentar um estudo sobre o papel da experiência prévia de start-up como fonte de aprendizagem no processo empreendedor.	Survey	Questionário	Teste Qui-Quadrado; Kolmogorov-Smirnov; Teste T; Teste U de Mann-Whitney	Individual
Robert et al. (2017)	Verificar as ligações entre os perfis dos fundadores (por exemplo, capital humano, aprendizagem empreendedora) e a taxa de sobrevivência das empresas.	Testes Estatísticos	Banco de dados secundários	Método Politético Hierárquico; K-médias; Regressão Logística	Individual
Scarmozzino et al. (2017)	Analisar a contribuição dos sites de redes sociais profissionais (PSNWs) para a aprendizagem empreendedora em start-ups de alta tecnologia.	Survey	Questionário	Regressão Hierárquica	Individual
Van Gelderen et al. (2005)	Investigar quando e como os iniciantes de pequenas empresas aprendem.	Survey	Questionário	Regressão Hierárquica	Individual
Yusuf (2012)	Explorar a saída empreendedora definida como desengajamento (com base no grau de aprendizado dos empreendedores nascentes) do processo de start-up.	Testes Estatísticos	Banco de dados secundários	Análise de Cluster	Individual

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Positivismo Qualitativo

O positivismo qualitativo também se caracteriza epistemologicamente pela busca de relações causais e generalização dos achados, ainda que não aborde um grande número de casos ou conte com o uso de métodos quantitativos (Bonache, 2020). Eisenhardt e Yin são dois dos metodologistas positivistas mais influentes no universo da investigação qualitativa (Bonache, 2021; Piekkari & Welch, 2018). Os pesquisadores dificilmente deixam de referenciar esses autores para justificar suas escolhas metodológicas, referindo-se a estudos de caso, mesmo que afirmem se basear em filosofias de pesquisa não positivistas (Bonache, 2021; Piekkari & Welch, 2018).

Os resultados da análise sugerem a presença do positivismo qualitativo em nove documentos (Quadro 4). Entre esses artigos, oito adotaram a estratégia de estudo de caso, dos quais sete foram baseados principalmente em pressupostos propostos por Eisenhardt e Yin (Clinton et al., 2020; Huovinen & Tihula, 2008; Markowska & Wiklund, 2020; Pugh et al., 2021; Secundo et al., 2017; Tipu & Arain, 2011; Wang et al., 2014). Isso apoia os resultados da análise mostrados na Figura 6, ou seja, a predominância potencial de estudos de caso com base nas suposições de Eisenhardt. Embora o artigo de Motoyama e Knowlton (2016) não mencione Eisenhardt ou Yin na fundamentação do estudo de caso, apresenta análises do tipo causa e efeito. Harrison et al. (2015) aplicaram a análise do protocolo verbal, mostrando preocupações com a confiabilidade, validade e generalização dos resultados.

Quadro 4
Pesquisa positivista qualitativa na amostra

Artigo	Objetivo de Pesquisa Relacionado à Aprendizagem	Estratégia de Pesquisa	Técnicas de Coleta de Dados	Técnicas de Análise de Dados	Nível de Análise
Clinton et al. (2020)	Explorar como os comportamentos empreendedores são transmitidos e incorporados (aprendidos) através de gerações dentro de uma Família Empreendedora Transgeracional (FET).	Estudo de Caso	Entrevista; Coleta de Documentos; Observação	Análise Iterativa; Análise Temática	Grupo
Harrison et al. (2015)	Explorar se os anjos (investidores anjos – empreendedores) aprendem com a experiência, como aprendem e o que aprendem.	Análise de Protocolo Verbal	Entrevista	Análise de Protocolo Verbal	Individual
Huovinen e Tihula (2008)	Examinar a aprendizagem empreendedora no contexto do empreendedorismo de portfólio e esclarecer como é possível gerenciar várias empresas ao mesmo tempo.	Estudo de Caso	Entrevista; Coleta de Documentos	[As técnicas não são indicadas, mas os autores mencionam que seguiram as premissas de Eisenhardt e Yin]	Individual
Markowska e Wiklund (2020)	Argumentar que aprender a agir em tarefas empreendedoras envolve processos de abertura e foco.	Estudo de Caso	Entrevista; Coleta de Documentos	Análise Temática	Individual
Motoyama e Knowlton (2016)	Analisar o impacto complexo e amplo do patrocínio público-privado no empreendedorismo e no contexto regional (apoio e aprendizagem aos empreendedores).	Estudo de Caso	Entrevista	Análise Temática	Grupo
Pugh et al. (2021)	Analisar como incorporar teoricamente o aprendizado nos esforços de desenvolvimento do ecossistema de empreendedorismo.	Estudo de Caso	Entrevista; Coleta de Documentos; Observação Participante; Observação Não Participante; Questionário	Análise Temática	Contextual

Continuação

Artigo	Objetivo de Pesquisa Relacionado à Aprendizagem	Estratégia de Pesquisa	Técnicas de Coleta de Dados	Técnicas de Análise de Dados	Nível de Análise
Secundo et al. (2017)	Explorar como os processos colaborativos de aprendizagem empreendedora entre empreendedores e estudantes universitários podem aprimorar as práticas empreendedoras no contexto de empreendimentos intensivos em conhecimento.	Estudo de Caso	Entrevista; Coleta de Documentos; Questionário	Análise Iterativa	Grupo
Tipu e Arain (2011)	Explorar as ligações entre comportamento empreendedor e fatores de sucesso (planejamento de start-up, gestão de risco, aprendizagem, networking, gestão de recursos humanos e gestão de finanças) no contexto de um país em desenvolvimento.	Estudo de Caso	Entrevista	Análise Temática	Individual
Wang et al. (2014)	Avançar na conceituação de preparação empreendedora (PE - processo de aprendizagem cumulativo, social e proposital) e estudar como a PE ocorre na criação e gestão de novos empreendimentos.	Estudo de Caso	Entrevista; Coleta de Documentos	Análise Temática	Individual

Fonte: Elaborado pelas autoras.

Positivismo misto e visão geral

Três artigos corresponderam às premissas do positivismo qualitativo e quantitativo, conforme ilustrado no Quadro 5.

Quadro 5
Pesquisas positivas mistas na amostra

Artigo	Objetivo de Pesquisa Relacionado à Aprendizagem	Estratégia de Pesquisa	Técnicas de Coleta de Dados	Técnicas de Análise de Dados	Nível de Análise
Ceci e Prencipe (2019)	Analisar o efeito que as crenças pessoais do empreendedor têm na possibilidade de aprender com a rede e, assim, melhorar o desempenho de sua empresa.	Survey	Entrevista; Questionário	Mínimos Quadrados Parciais	Individual
Stokes e Blackburn (2002)	Contribuir para a compreensão do fechamento de negócios a partir da perspectiva dos proprietários (o que eles fizeram em seguida e aprenderam com a experiência).	Survey	Entrevista; Questionário	Análise Estatística Descritiva; Análise Temática	Individual
V. Lefebvre et al. (2015)	Estudar o desenvolvimento combinado de dinâmica de rede e aprendizagem.		Observação Participante; Grupos de Reflexão; Coleta de Documentos; Questionário	Análise Temática	Grupo

Fonte: Elaborado pelas autoras.

O Quadro 6 apresenta uma visão geral da aplicação das filosofias de pesquisa em meio aos estudos sobre AE na amostra da pesquisa. Em particular, observa-se diversificação em relação às filosofias no ano de 2017, e tendência constante de estudos positivistas qualitativos a partir do ano de 2008.

Quadro 6
Filosofias de pesquisa nos artigos da amostra por ano

Filosofia de Pesquisa	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	2021	Total
Positivismo Quantitativo				1			1				1					3					6
Positivismo Qualitativo							1			1			1	1	1	1			2	1	9
Positivismo Misto	1													1				1			3
Fenomenologia	1								1							3					5
Construtivismo									1	1				1		2				1	6
Interpretativismo																1			1	2	4
Etnometodologia							1														1
Total	2	0	0	1	0	0	3	0	2	2	1	0	1	3	1	10	0	1	3	4	34

Fonte: Elaborado pelas autoras.

CONCLUSÃO

O objetivo geral deste artigo foi revisar sistematicamente a literatura sobre AE, levando em conta seus avanços, e analisar os elementos dos estudos publicados sobre o tema ao longo do tempo, com ênfase especial sobre as abordagens metodológicas. Para tanto, assumiu-se algumas orientações sobre AE presentes na literatura. Acerca da QP1, os resultados da pesquisa revelaram a evolução do número de publicações ao longo dos anos e a prevalência de uma rede de relacionamentos e coautoria de artigos de autores do Reino Unido e Estados Unidos. Embora 756 autores tenham escrito os artigos da amostra, foi constatada a falta de uma forte rede de coautoria entre os pesquisadores. Além disso, a rede de cocitação revelou potencial para estudos relacionando capital social, capital humano e AE, devido à presença nos *clusters* de apenas um artigo que investigou o impacto desses capitais na AE.

A revisão das abordagens metodológicas (QP2) evidenciou a predominância de estudos qualitativos, pesquisas que adotaram uma filosofia positivista e um equilíbrio entre investigações transversais e longitudinais. Os resultados também indicaram uma predominância do nível individual de análise e que a pesquisa em AE ainda está evoluindo com grandes oportunidades, como a realização de estudos em outros contextos como o Sul-Americano, Africano e Oceânico. Assim como a pesquisa de mulheres empreendedoras e imigrantes/refugiados.

Apesar das limitações – consulta a um único repositório de artigos, análise restrita a cinco periódicos principais e falta de detalhamento de algumas metodologias consultadas – a análise das abordagens metodológicas empregadas revelou não uma hegemonia, mas uma forte tradição positivista na área de pesquisa em AE. Considerando que o positivismo se baseia em observações empíricas para confirmar relações causais e prever padrões de comportamento humano, recomenda-se que estudos com foco nos aspectos cognitivos da AE, aliados às interações sociais e influenciados pelo contexto, adotem abordagens que se afastem do positivismo e busquem lentes metodológicas com maior potencial para desvendar os fenômenos subjacentes a esse tipo de aprendizagem.

Tal distanciamento se faz necessário para que o fenômeno seja compreendido a partir de outras vertentes filosóficas. Abordagens como a fenomenologia e o interpretativismo, por exemplo, vão além da descrição e possibilitam relatos interpretativos que não descartam o uso de orientação teórica ou arcabouço conceitual. Isso é demonstrado por Jason Cope em seu trabalho que se tornou o mais citado na área (Cope, 2011). É, portanto, uma escolha mais adequada ao estudo da realidade social (Bonache, 2021). Assim como as premissas da estratégia de estudo de caso estão sendo revisitadas e redescobertas, desafiando as dicotomias existentes (por exemplo, positivismo *versus* fenomenologia) (Piekkari & Welch, 2018), a recompensa por ir além do legado positivista dos estudos de AE pode ser o desenvolvimento de teorias inovadoras.

Este artigo também revela o potencial de aplicação de métodos mistos e outros incomuns na pesquisa em administração, como a análise estética, análise de protocolo verbal e técnica de elicitação de metáforas de Zaltman. Recomenda-se fortemente que pesquisadores que desejem investigar a AE busquem recursos metodológicos complementares na interdisciplinaridade. A aplicação da triangulação também apresenta um bom potencial. Além disso, recomenda-se que estudos futuros investiguem se pesquisas locais escritas em outros idiomas também apresentam tradição positivista na área de AE.

REFERÊNCIAS

- Aksnes, D. W., & Sivertsen, G. (2019). A criteria-based assessment of the coverage of scopus and web of science. *Journal of Data and Information Science*, 4(1), 1-21. Recuperado de <https://doi.org/10.2478/jdis-2019-0001>
- Antwi, S. K., & Hamza, K. (2015). Qualitative and Quantitative Research Paradigms in Business Research: A Philosophical Reflection. *European Journal of Business and Management*, 7(3), 217-225. Recuperado de <https://iiste.org/Journals/index.php/EJBM/article/view/19543>
- Atherton, A., & Price, L. (2008). Can experiential knowledge and localised learning in start-up policy and practice be transferred between regions? The case of the START network. *Entrepreneurship and Regional Development*, 20(4), 367-385. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/08985620701872043>
- Bonache, J. (2021, janeiro). The challenge of using a 'non-positivist' paradigm and getting through the peer-review process. *Human Resource Management Journal*, 31(1), 37-48. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/1748-8583.12319>
- Brett, V., O'Neill, A., & O'Gorman, B. (2014). Observing entrepreneurs in networks: Reflecting on the relationship between the researcher and the participants. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 21(3), 75-287. Recuperado de <https://doi.org/10.1504/IJESB.2014.060892>
- Cannavacciuolo, L., Iandoli, L., Ponsiglione, C., & Zollo, G. (2017). Learning by failure vs. learning by habits: entrepreneurial learning micro-strategies as determinants of the emergence of co-located entrepreneurial networks. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 23(3), 524-546. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-11-2015-0238>
- Ceci, F., & Prencipe, A. (2019). Is there a supreme being controlling the universe? Entrepreneurs' personal beliefs and their impact on network learning. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 38(3), 359-378. Recuperado de <https://doi.org/10.1504/IJESB.2019.103436>
- Clinton, E., McAdam, M., Gamble, J. R., & Brophy, M. (2020). Entrepreneurial learning: the transmitting and embedding of entrepreneurial behaviours within the transgenerational entrepreneurial family. *Entrepreneurship and Regional Development*, 33(5-6), 383-404. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/08985626.2020.1727088>
- Cope, J. (2003). Entrepreneurial Learning and Critical Reflection: Discontinuous Events as Triggers for 'Higher-level' Learning. *Management Learning*, 34(4), 429-450. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/1350507603039067>
- Cope, J. (2005). Toward a dynamic learning perspective of entrepreneurship. *Entrepreneurship: Theory and Practice*, 29(4), 373-397. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2005.00090.x>
- Cope, J. (2011). Entrepreneurial learning from failure: An interpretative phenomenological analysis. *Journal of Business Venturing*, 26(6), 604-623. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.jbusvent.2010.06.002>
- Cope, J., & Watts, G. (2000). Learning by Doing. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 6(3), 104-124. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/13552550010346208>
- Davidsson, P., & Honig, B. (2003). The role of social and human capital among nascent entrepreneurs. *Journal of Business Venturing*, 18(3), 301-331. Recuperado de [https://doi.org/10.1016/S0883-9026\(02\)00097-6](https://doi.org/10.1016/S0883-9026(02)00097-6)
- Deakins, D., & Freel, M. (1998). Entrepreneurial learning and the growth process in SMEs. *The Learning Organization*, 5(3), 144-155.
- Deakins, D., Morrison, A., & Galloway, L. (2002). Evolution, financial management and learning in the small firm. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 9(1), 7-16. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/14626000210419446>
- Donthu, N., Kumar, S., Mukherjee, D., Pandey, N., & Lim, W. M. (2021, setembro). How to conduct a bibliometric analysis: An overview and guidelines. *Journal of Business Research*, 133, 285-296. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.jbusres.2021.04.070>
- El-Awad, Z., Gabrielsson, J., & Politis, D. (2017). Entrepreneurial learning and innovation: The critical role of team-level learning for the evolution of innovation capabilities in technology-based ventures. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(3), 381-405. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-06-2016-0177>
- Ettl, K., & Welter, F. (2010). How female entrepreneurs learn and acquire (business-relevant) knowledge. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 10(1), 65-82. Recuperado de <https://doi.org/10.1504/IJESB.2010.033049>
- Gibb, A. A. (1997). Small firms' training and competitiveness. Building upon the small business as a learning organisation. *International Small Business Journal*, 15(3), 13-29. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/0266242697153001>
- Haneberg, D. H., & Aaboen, L. (2022). Entrepreneurial learning behaviour of community insiders. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 28(2), 306-324. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-04-2020-0255>
- Harrison, R. T., Mason, C., & Smith, D. (2015). Heuristics, learning and the business angel investment decision-making process. *Entrepreneurship and Regional Development*, 27(9-10), 527-554. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/08985626.2015.1066875>
- Harvard University. (2022). *The Zaltman Metaphor Elicitation Technique*. Recuperado de <https://projects.iq.harvard.edu/mind-of-the-market-laboratory/zmet>
- Huovinen, J., & Tihula, S. (2008). Entrepreneurial learning in the context of portfolio entrepreneurship. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 14(3), 152-171. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/13552550810874673>
- Huxtable-Thomas, L. A., Hannon, P. D., & Thomas, S. W. (2016). An investigation into the role of emotion in leadership development for entrepreneurs: a four interface model. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 22(4), 510-530. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-12-2014-0227>
- Hydle, K. M., & Billington, M. G. (2021). Entrepreneurial practices of collaboration comprising constellations. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 27(3), 668-687. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-10-2018-0646>

- Jones, O., & Giordano, B. (2020). Family entrepreneurial teams: The role of learning in business model evolution. *Management Learning*, 52(3), 267-293. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/1350507620934092>
- Jones, O., & Li, H. (2017). Effectual entrepreneurship: sensemaking in a family-based start-up. *Entrepreneurship and Regional Development*, 29(5-6), 467-499. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/08985626.2017.1297854>
- Karataş-Özkan, M. (2011). Understanding relational qualities of entrepreneurial learning: Towards a multi-layered approach. *Entrepreneurship and Regional Development*, 23(9-10), 877-906. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/08985626.2011.577817>
- Kempster, S., & Cope, J. (2010). Learning to lead in the entrepreneurial context. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research*, 16(1), 5-34. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/13552551011020054>
- Kessler, M. M. (1963, janeiro). Bibliographic Coupling Between Scientific Papers' Received. *Journal of the Association for Information Science and Technology*, 14(1), 10-25. Recuperado de <https://doi.org/10.1002/asi.5090140103>
- Lans, T., Biemans, H., Verstegen, J., & Mulder, M. (2008). The influence of the work environment on entrepreneurial learning of small-business owners. *Management Learning*, 39(5), 597-613. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/1350507608098117>
- Lattacher, W., & Wdowiak, M. A. (2020). Entrepreneurial learning from failure. A systematic review. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 26(5), 1093-1131. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-02-2019-0085>
- Lefebvre, V., Lefebvre, M. R., & Simon, E. (2015). Formal entrepreneurial networks as communities of practice: a longitudinal case study. *Entrepreneurship and Regional Development*, 27(7-8), 500-525. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/08985626.2015.1070539>
- Mahmoud-Jouini, S. B., Paris, T., & Bureau, S. (2017). Developing knowledge from entrepreneurial actions – toward a taxonomy. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 24(4), 793-813. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/JSBED-10-2016-0155>
- Malloch, M., Cairns, L., Evans, K., & O'Connor, B. N. (2011). *The SAGE handbook of workplace learning*. Thousand Oaks, CA: SAGE. Recuperado de <https://doi.org/10.4135/9781446200940>
- Man, T. W. Y. (2012). Developing a behaviour-centred model of entrepreneurial learning. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 19(3), 549-566. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/14626001211250289>
- Mansoori, Y. (2017). Enacting the lean startup methodology: The role of vicarious and experiential learning processes. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(5), 812-838. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-06-2016-0195>
- Markowska, M., & Wiklund, J. (2020). Entrepreneurial learning under uncertainty: exploring the role of self-efficacy and perceived complexity. *Entrepreneurship and Regional Development*, 32(7-8), 606-628. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/08985626.2020.1713222>
- McKelvey, M. (1998). Evolutionary innovations: Learning, entrepreneurship and the dynamics of the firm. *Journal of Evolutionary Economics*, 8(2), 57-175. Recuperado de <https://doi.org/10.1007/s001910050060>
- Minniti, M., & Bygrave, W. (2001). A dynamic model of entrepreneurial learning. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 25(3), 5-16. Recuperado de <https://doi.org/10.1177/104225870102500301>
- Motoyama, Y., & Knowlton, K. (2016). From resource munificence to ecosystem integration: the case of government sponsorship in St. Louis. *Entrepreneurship and Regional Development*, 28(5-6), 448-470. Recuperado de <https://doi.org/10.1080/08985626.2016.1186749>
- Nogueira, T. F. (2019). Entrepreneurial learning: what do we mean by it? *Learning Organization*, 26(6), 560-573. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/TLO-04-2018-0067>
- O'Shea, D., & Buckley, F. (2010). Modelling self-regulated learning strategies in early-stage entrepreneurs: The role of intentionality and interaction. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 10(1), 83-107. Recuperado de <https://doi.org/10.1504/IJESB.2010.033050>
- Perez-Nuñez, S. M., & Musteen, M. (2020). Learning perspective on sustainable entrepreneurship in a regional context. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 27(3), 365-381. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/JSBED-03-2020-0071>
- Piekkari, R., & Welch, C. (2018). The Case Study in Management Research: Beyond the Positivist Legacy of Eisenhardt and Yin? In C. Cassell, A. L. Cunliffe, & G. Grandy (Eds.), *The SAGE Handbook of Qualitative Business and Management Research Methods* (pp. 345-358). Thousand Oaks, CA: SAGE.
- Politis, D. (2005, julho). The Process of Entrepreneurial Learning: A Conceptual Framework. *Entrepreneurship Theory and Practice*, 29(4), 399-424. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/j.1540-6520.2005.00091.x>
- Politis, D. (2008). Does prior start-up experience matter for entrepreneurs' learning? A comparison between novice and habitual entrepreneurs. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 15(3), 472-489. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/14626000810892292>
- Pugh, R., Soetanto, D., Jack, S. L., & Hamilton, E. (2021). Developing local entrepreneurial ecosystems through integrated learning initiatives: the Lancaster case. *Small Business Economics*, 56(2), 833-847. Recuperado de <https://doi.org/10.1007/s11187-019-00271-5>
- Rae, D. (2005). Entrepreneurial learning: a narrative-based conceptual model. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 12(3), 323-335. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/14626000510612259>
- Rae, D. (2017). Entrepreneurial learning: peripherality and connectedness. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(3), 486-503. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-05-2016-0132>
- Ribas, A. F. P., & Moura, M. L. S. (2006). Abordagem sociocultural: algumas vertentes e autores. *Psicologia em Estudo*, 11(1), 129-138. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/s1413-73722006000100015>
- Robert, F., El-Shoubaki, A., Lasch, F., & Dana, L. P. (2017). Linking types of ICT entrepreneurs to new firm survival. *International Journal of Entrepreneurship and Small Business*, 30(1), 110-146. Recuperado de <https://doi.org/10.1504/IJESB.2017.081057>
- Saunders, M., Lewis, P., & Thornhill, A. (2009). *Research Methods for Business Students* (5a ed.). London, UK: Pearson Education Limited.

- Scarmozzino, E., Corvello, V., & Grimaldi, M. (2017). Entrepreneurial learning through online social networking in high-tech startups. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(3), 406-425. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-12-2015-0302>
- Schou, P. K., Bucher, E., & Waldkirch, M. (2022, abril). Entrepreneurial learning in online communities. *Small Business Economics*, 58, 2087-2108. Recuperado de <https://doi.org/10.1007/s11187-021-00502-8>
- Secundo, G., Del Vecchio, P., Schiuma, G., & Passiante, G. (2017). Activating entrepreneurial learning processes for transforming university students' idea into entrepreneurial practices. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 23(3), 465-485. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-12-2015-0315>
- Smith, R. (2015). Entrepreneurship and poetry: analyzing an aesthetic dimension. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 22(3), 450-472. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/JSBED-09-2012-0103>
- Soetanto, D. (2017). Networks and entrepreneurial learning: coping with difficulties. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 23(3), 547-565. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-11-2015-0230>
- Stokes, D., & Blackburn, R. (2002). Learning the hard way: The lessons of owner-managers who have closed their businesses. *Journal of Small Business and Enterprise Development*, 9(1), 17-27. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/14626000210419455>
- Thompson, N. A., & Illes, E. (2021). Entrepreneurial learning as practice: a video-ethnographic analysis. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 27(3), 579-599. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-10-2018-0663>
- Tipu, S. A. A., & Arain, F. M. (2011). Managing success factors in entrepreneurial ventures: a behavioral approach. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 17(5), 534-560. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/13552551111158844>
- Van Gelderen, M., Van De Sluis, L., & Jansen, P. (2005). Learning opportunities and learning behaviours of small business starters: Relations with goal achievement, skill development and satisfaction. *Small Business Economics*, 25(1), 97-108. Recuperado de <https://doi.org/10.1007/s11187-005-4260-1>
- Walsh, G. S., & Cunningham, J. A. (2017). Regenerative failure and attribution: examining the underlying processes impacting learning. *International Journal of Entrepreneurial Behavior & Research*, 23(4), 380-408. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-03-2015-0072>
- Wang, C. L., & Chugh, H. (2014). Entrepreneurial learning: Past research and future challenges. *International Journal of Management Reviews*, 16(1), 24-61. Recuperado de <https://doi.org/10.1111/ijmr.12007>
- Wang, C. L., Rafiq, M., Li, X., & Zheng, Y. (2014). Entrepreneurial preparedness: An exploratory case study of Chinese private enterprises. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 20(4), 351-374. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-06-2013-0079>
- Watson, K., McGowan, P., & Cunningham, J. A. (2017). An exploration of the Business Plan Competition as a methodology for effective nascent entrepreneurial learning. *International Journal of Entrepreneurial Behaviour and Research*, 24(1), 121-146. Recuperado de <https://doi.org/10.1108/IJEBR-05-2017-0158>
- Williams, R. I., Clark, L. A., Clark, W. R., & Raffo, D. M. (2021). Re-examining systematic literature review in management research: Additional benefits and execution protocols. *European Management Journal*, 39(4), 521-533. Recuperado de <https://doi.org/10.1016/j.emj.2020.09.007>
- Yusuf, J. E. (2012). A tale of two exits: Nascent entrepreneur learning activities and disengagement from start-up. *Small Business Economics*, 39(3), 783-799. Recuperado de <https://doi.org/10.1007/s11187-011-9361-4>
- Zampier, M. A. & Takahashi, A. R. W. (2011). Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. *Cadernos EBAPE.BR*, 9(especial), 564-585. Recuperado de <https://doi.org/10.1590/S1679-39512011000600007>

Fernanda Paula Arantes
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4751-1911>

Doutoranda em Administração pelo Programa de Pós-Graduação em Administração da Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: arantes.fp@ufg.br

Maria Salete Batista Freitag
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6993-1685>

Doutora em Educação; Professora Associada II na Faculdade de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas da Universidade Federal de Goiás (UFG). E-mail: msalete@ufg.br